

# Anarquia Pós-Esquerda

Deixando a Esquerda Para Trás

Jason McQuinn

# Conteúdo

<b>PRÓLOGO À ANARQUIA PÓS-ESQUERDA</b>	<b>3</b>
<b>INTRODUÇÃO</b>	<b>5</b>
<b>ESQUERDISTAS NO MEIO ANARQUISTA</b>	<b>6</b>
<b>Anarquia como Teoria e Crítica da Ideologia</b>	<b>9</b>
<b>Nem Deus, nem Mestre, nem Ordem Moral: Anarquia como Crítica da Moral e do Moralismo</b>	<b>10</b>
<b>Anarquia Pós-Esquerda: Nem Esquerda, nem Direita, mas Autônoma</b>	<b>12</b>

# PRÓLOGO À ANARQUIA PÓS-ESQUERDA

Já faz quase uma década e meia desde a queda do Muro de Berlim. Já faz sete anos desde que Bob Black me enviou pela primeira vez o manuscrito de seu livro, *Anarchy after Leftism*, publicado em 1997. Já faz mais de quatro anos desde que pedi aos editores colaboradores da revista *Anarchy* para participar de uma discussão sobre “anarquia pós-esquerda”, que finalmente apareceu na edição de outono/inverno de 1999–2000 da revista (#48). E também faz um ano desde que escrevi e publiquei pela primeira vez “Post-Left Anarchy: Rejecting the Reification of Revolt”, que apareceu na edição de outono/inverno de 2002–2003 (#54) de *Anarchy: A Journal of Desire Armed*.

Além de criar um novo tópico quente para debate em periódicos, sites e listas de e-mail anarquistas e esquerdistas, pode-se legitimamente perguntar o que foi alcançado ao introduzir o termo e o debate no meio anarquista e, mais geralmente, radical? Em resposta, eu diria que a reação continua a crescer, e a promessa da anarquia pós-esquerda reside principalmente no que parece ser um futuro continuamente brilhante.

Um dos problemas mais preocupantes do meio anarquista contemporâneo tem sido a fixação frequente em tentativas de recriar as lutas do passado como se nada significativo tivesse mudado desde 1919, 1936 ou, na melhor das hipóteses, 1968. Em parte, isso é uma função do anti-intelectualismo de longa data entre muitos anarquistas. Em parte, é um resultado do eclipse histórico do movimento anarquista após a vitória do comunismo de estado bolchevique e a (auto) derrota da Revolução Espanhola. E em parte é porque a vasta maioria dos teóricos anarquistas mais importantes — como Godwin, Stirner, Proudhon, Bakunin, Kropotkin e Malatesta — vêm do século XIX e do início do século XX. O vazio no desenvolvimento da teoria anarquista desde o renascimento do meio na década de 1960 ainda precisa ser preenchido por nenhuma nova formulação adequada de teoria e prática, poderosa o suficiente para acabar com o impasse e capturar a imaginação da maioria dos anarquistas contemporâneos de maneira semelhante às formulações de Bakunin ou Kropotkin no século XIX.

Desde a década de 1960, o originalmente minúsculo — mas desde então, sempre crescente — meio anarquista tem sido influenciado (pelo menos de passagem) pelo Movimento dos Direitos Civis, Paul Goodman, SDS, os Yippies, o movimento anti-Guerra do Vietnã, Fred Woodworth, a Nova Esquerda Marxista, a Internacional Situacionista, Sam Dolgoff e Murray Bookchin, os movimentos de questão única (antirracista, feminista, antinuclear, anti-imperialista, ambiental/ecológico, direitos dos animais, etc.), Noam Chomsky, Freddie Perlman, George Bradford/David Watson, Bob Black, Hakim Bey, Earth First! e Deep Ecology, neopaganismo e New Ageism, o movimento antiglobalização e muitos outros. No entanto, essas várias influências ao longo dos últimos quarenta anos, tanto não anarquistas quanto anarquistas, falharam em trazer à tona qualquer nova síntese inspiradora de teoria crítica e prática. Alguns anarquistas, mais notavelmente Murray Bookchin e o projeto Love & Rage, tentaram e falharam miseravelmente ao tentar fundir o meio anarquista extremamente diverso e idiossincrático em um movimento genuinamente novo com uma teoria comumente aceita. Eu diria que, em nossa situação atual, este é um projeto garantido para falhar, não importa quem o tente.

A alternativa defendida pela síntese anarquista pós-esquerda ainda está sendo criada. Ela não pode ser reivindicada por nenhum teórico ou ativista porque é um projeto que estava no ar muito antes de começar a se tornar um conjunto concreto de propostas, textos e intervenções. Aqueles que buscam promover a síntese foram influenciados principalmente pelo movimento anarquista clássico até a Revolução Espanhola, por um lado, e por várias das críticas e modos de intervenção mais promissores desenvolvidos desde os anos 60. As críticas mais importantes envolvidas incluem aquelas da vida cotidiana e do espetáculo, da ideologia e da moralidade, da tecnologia industrial, do trabalho e da civilização. Os modos de intervenção focam na implantação concreta da ação direta em todas as facetas da vida. Em

vez de visar a construção de estruturas institucionais ou burocráticas, essas intervenções visam à eficácia crítica máxima com o mínimo de comprometimento em redes de ação em constante mudança.

Claramente, essas novas críticas e modos de intervenção são amplamente incompatíveis tanto com a velha esquerda do século XIX e início do século XX quanto com a maior parte da Nova Esquerda dos anos 60 e 70. E, da mesma forma, eles estão engajando um número crescente de anarquistas que gravitam em torno deles porque parecem ser muito mais congruentes com a situação global em que nos encontramos hoje do que as velhas teorias e táticas do esquerdismo. Se o anarquismo não mudar para abordar as realidades vividas do século XXI — deixando para trás a política ultrapassada e o fetichismo organizacional do esquerdismo — sua relevância se dissipará e as oportunidades de contestação radical agora tão aparentes desaparecerão lentamente. A anarquia pós-esquerda é simplesmente uma rubrica por meio da qual muitos anarquistas contemporâneos pensativos gostariam de ver as mais vitais das novas críticas e modos de intervenção se unirem em um movimento cada vez mais coerente e eficaz, que genuinamente promova a unidade na diversidade, a autonomia completa de indivíduos e grupos locais em luta e o crescimento orgânico de níveis de organização que não reprimam nossas energias coletivas, espontaneidade e criatividade.

# INTRODUÇÃO

Críticas anarquistas ao esquerdismo tem uma história tão longa quanto o termo “esquerda” teve algum significado político. O movimento anarquista inicial surgiu das mesmas lutas que outros movimentos socialistas (que constituíam uma parte importante da esquerda política), dos quais eventualmente se diferenciou. O movimento anarquista e outros movimentos socialistas foram principalmente produtos do fermento social que deu origem à Era das Revoluções – introduzidos pela Revolução Inglesa, Americana e Francesa. Este foi o período histórico em que o capitalismo inicial esteve se desenvolvendo através do cerceamento dos bens comuns para destruir a autossuficiência da comunidade, a industrialização do produto com um sistema fabril baseado em métodos científicos e a expansão agressiva da economia de mercado de commodities em todo o mundo. Mas a ideia anarquista sempre teve implicações mais radicais e holísticas que a mera crítica da exploração do trabalho sob o capitalismo. Isso é porque a ideia anarquista floresce do mesmo fermento social da Era das Revoluções e da imaginação crítica dos indivíduos desejando a abolição total de qualquer forma de alienação social e dominação. A ideia anarquista tem uma base indelevelmente individualista sobre a qual suas críticas sociais se apoiam, sempre e em todos os lugares proclamando que apenas indivíduos livres podem criar uma sociedade livre e não alienada. Tão importante quanto isso, essa base individualista incluiu a ideia de que a exploração ou opressão de qualquer indivíduo diminui a liberdade e a integridade de todos. Isso é bem diferente das ideologias coletivistas da esquerda política, nas quais o indivíduo é persistentemente desvalorizado, denegrido ou negado tanto na teoria quanto na prática — embora nem sempre na fachada ideológica que visa apenas enganar os ingênuos. É também o que impede anarquistas genuínos de seguirem o caminho de autoritários da esquerda, direita e centro que casualmente empregam exploração em massa, opressão em massa e frequentemente prisão em massa ou assassinato para capturar, proteger e expandir seus domínios sobre o poder político e econômico.

Como os anarquistas entendem que somente pessoas que se organizam livremente podem criar comunidades livres, eles se recusam a sacrificar indivíduos ou comunidades em busca dos tipos de poder que inevitavelmente impediriam o surgimento de uma sociedade livre. Mas, dadas as origens quase mútuas do movimento anarquista e da esquerda socialista, bem como suas batalhas históricas para seduzir ou capturar o apoio do movimento operário internacional por vários meios, não é surpreendente que, ao longo dos séculos XIX e XX, os socialistas tenham frequentemente adotado aspectos da teoria ou prática anarquista como seus, enquanto ainda mais anarquistas adotaram aspectos da teoria e prática esquerdistas em várias sínteses esquerda-anarquistas. Isso apesar do fato de que nas lutas mundiais pela liberdade individual e social a esquerda política provou ser em todos os lugares uma fraude ou um fracasso na prática. Onde quer que a esquerda socialista tenha tido sucesso em se organizar e tomar o poder, ela, na melhor das hipóteses, reformou (e reabilitou) o capitalismo ou, na pior, instituiu novas tiranias, muitas com políticas assassinas — algumas de proporções genocidas.

Assim, com a impressionante desintegração internacional da esquerda política após o colapso da União Soviética, já passou da hora de todos os anarquistas reavaliarem todo compromisso que foi ou continua sendo feito com os resquícios desbotados do esquerdismo. Qualquer utilidade que possa ter havido no passado para os anarquistas fazerem compromissos com o esquerdismo está evaporando com o desaparecimento progressivo da esquerda da oposição, mesmo simbólica, às instituições fundamentais do capitalismo: trabalho assalariado, produção de mercado e a regra do valor.

# ESQUERDISTAS NO MEIO ANARQUISTA

O rápido deslize da esquerda política do palco da história tem deixado cada vez mais o meio anarquista internacional como o único jogo anticapitalista revolucionário na cidade. À medida que o meio anarquista se expandiu na última década, a maior parte de seu crescimento veio de jovens descontentes atraídos por suas atividades e mídia cada vez mais visíveis, animadas e iconoclastas. Mas uma minoria significativa desse crescimento também veio de ex-esquerdistas que — às vezes lentamente e às vezes suspeitamente rápido — decidiram que os anarquistas podem ter tido razão em suas críticas à autoridade política e ao estado o tempo todo. Infelizmente, nem todos os esquerdistas simplesmente desaparecem — ou mudam de posição — da noite para o dia. A maioria dos ex-esquerdistas que entram no meio anarquista inevitavelmente trazem consigo muitas das atitudes, preconceitos, hábitos e suposições esquerdistas conscientes e inconscientes que estruturaram seus antigos meios políticos. Certamente, nem todas essas atitudes, hábitos e suposições são necessariamente autoritários ou antianarquistas, mas claramente muitos são.

Parte do problema é que muitos ex-esquerdistas tendem a entender mal o anarquismo apenas como uma forma de esquerdismo antiestatista, ignorando ou minimizando sua fundação indelevelmente individualista como irrelevante para as lutas sociais. Muitos simplesmente não entendem a enorme divisão entre um movimento auto-organizado que busca abolir toda forma de alienação social e um movimento meramente político que busca reorganizar a produção de uma forma mais igualitária. Enquanto outros entendem a divisão muito bem, mas buscam reformar o meio anarquista em um movimento político de qualquer maneira, por várias razões. Alguns ex-esquerdistas fazem isso porque consideram a abolição da alienação social improvável ou impossível; alguns porque permanecem fundamentalmente opostos a qualquer componente individualista (ou sexual, ou cultural, etc.) da teoria e prática social. Alguns cinicamente percebem que nunca alcançarão nenhuma posição de poder em um movimento genuinamente anarquista e optam por construir organizações políticas mais restritas com mais espaço para manipulação. Outros ainda, desacostumados ao pensamento e à prática autônomos, simplesmente se sentem ansiosos e desconfortáveis com muitos aspectos da tradição anarquista e desejam empurrar aqueles aspectos do esquerdismo para dentro do meio anarquista que os ajudam a se sentir menos ameaçados e mais seguros — para que possam continuar a desempenhar seus antigos papéis de quadro ou militante, apenas sem uma ideologia explicitamente autoritária para guiá-los.

Para entender as controvérsias atuais dentro do meio anarquista, os anarquistas precisam permanecer constantemente cientes — e cuidadosamente críticos — de tudo isso. Ataques ad hominem dentro do meio anarquista não são nenhuma novidade, e na maioria das vezes são uma perda de tempo, porque substituem a crítica racional das posições reais das pessoas. (Muitas vezes, a crítica racional das posições é simplesmente ignorada por aqueles incapazes de argumentar por suas próprias posições, cujo único recurso é acusações selvagens ou irrelevantes ou tentativas de difamação.) Mas ainda há um lugar importante para a crítica ad hominem dirigida às identidades escolhidas pelas pessoas, especialmente quando essas identidades são tão fortes que incluem camadas sedimentadas, muitas vezes inconscientes, de hábitos, preconceitos e dependências. Esses hábitos, preconceitos e dependências — esquerdistas ou não — constituem todos alvos altamente apropriados para a crítica anarquista.

Um dos princípios mais fundamentais do anarquismo é que a organização social deve servir a indivíduos livres e grupos livres, e não vice-versa. A anarquia não pode existir quando indivíduos ou grupos sociais são dominados — seja essa dominação facilitada e imposta por forças externas ou por sua própria organização.

Para os anarquistas, a estratégia central dos aspirantes a revolucionários tem sido a auto-organização não mediadora (antiautoritária, frequentemente informal ou minimalista) de radicais (com base na

afinidade e/ou atividades teóricas/práticas específicas) para encorajar e participar da auto-organização da rebelião popular e insurreição contra o capital e o estado em todas as suas formas. Mesmo entre a maioria dos anarquistas de esquerda, sempre houve pelo menos algum nível de entendimento de que organizações mediadoras são, na melhor das hipóteses, altamente instáveis e inevitavelmente abertas à recuperação, exigindo vigilância e luta constantes para evitar sua recuperação completa.

Mas para todos os esquerdistas (incluindo anarquistas de esquerda), por outro lado, a estratégia central é sempre expressamente focada em criar organizações mediadoras entre capital e estado de um lado e a massa de pessoas descontentes e relativamente impotentes do outro. Normalmente, essas organizações têm se concentrado em mediar entre capitalistas e trabalhadores ou entre o estado e a classe trabalhadora. Mas muitas outras mediações envolvendo oposição a instituições particulares ou envolvendo intervenções entre grupos particulares (minorias sociais, subgrupos da classe trabalhadora, etc.) têm sido comuns.

Essas organizações mediadoras incluem partidos políticos, sindicatos, organizações políticas de massa, grupos de fachada, grupos de campanha de questão única, etc. Seus objetivos são sempre cristalizar e congelar certos aspectos da revolta social mais geral em formas definidas de ideologia e formas congruentes de atividade. A construção de organizações formais mediadoras sempre e necessariamente envolve pelo menos alguns níveis de:

- **Reduccionismo** (Apenas aspectos particulares da luta social são incluídos nessas organizações. Outros aspectos são ignorados, invalidados ou reprimidos, levando a uma compartimentalização cada vez maior da luta. O que, por sua vez, facilita a manipulação pelas elites e sua eventual transformação em sociedades de lobby puramente reformistas, com toda crítica generalizada e radical esvaziada.)
- **Especialização ou profissionalismo** (Aqueles mais envolvidos na operação diária da organização são selecionados — ou autoselecionados — para desempenhar funções cada vez mais especializadas dentro da organização, muitas vezes levando a uma divisão oficial entre líderes e liderados, com gradações de poder e influência introduzidas na forma de funções intermediárias na hierarquia organizacional em evolução.)
- **Substitucionismo** (A organização formal se torna cada vez mais o foco da estratégia e das táticas, em vez das pessoas em revolta. Na teoria e na prática, a organização tende a ser progressivamente substituída pelas pessoas, a liderança da organização — especialmente se ela se tornou formal — tende a se substituir pela organização como um todo e, eventualmente, um líder máximo frequentemente emerge, que acaba incorporando e controlando a organização.)
- **Ideologia** (A organização se torna o assunto principal da teoria com indivíduos atribuindo papéis a desempenhar, em vez de pessoas construindo suas próprias autoteorias. Todas, exceto as organizações formais mais autoconscientemente anarquistas, tendem a adaptar alguma forma de ideologia coletivista, na qual o grupo social em algum nível é aceito como tendo mais realidade política do que o indivíduo livre. Onde quer que a soberania esteja, ali está a autoridade política; se a soberania não for dissolvida em cada pessoa, ela sempre requer a subjugação de indivíduos a um grupo de alguma forma.)

Todas as teorias anarquistas de auto-organização, pelo contrário, exigem (de várias maneiras e com diferentes ênfases):

- **Autonomia Individual e de Grupo com Livre Iniciativa** (O indivíduo autônomo é a base fundamental de todas as teorias genuinamente anarquistas de organização, pois sem o indivíduo autônomo, qualquer outro nível de autonomia é impossível. A liberdade de iniciativa é igualmente fundamental para indivíduos e grupos. Sem poderes superiores, vem a capacidade e a necessidade de todas as decisões serem tomadas em seu ponto de impacto imediato. Como nota lateral, pós-estruturalistas ou pós-modernistas que negam a existência do indivíduo anarquista autônomo muitas vezes confundem a crítica válida do sujeito metafísico para implicar que mesmo o processo

de subjetividade vivida é uma ficção completa — uma perspectiva autoiludida que tornaria a teoria social impossível e desnecessária.)

- **Associação Livre** (A associação nunca é livre se for forçada. Isso significa que as pessoas são livres para se associar a qualquer pessoa em qualquer combinação que desejarem, e também para dissociar ou recusar a associação.)
- **Recusa da Autoridade Política e, portanto, da Ideologia** (A palavra “anarquia” significa literalmente nenhuma regra ou nenhum governante. Nenhuma regra e nenhum governante significam que não há autoridade política acima das próprias pessoas, que podem e devem tomar todas as suas próprias decisões da maneira que acharem melhor. A maioria das formas de ideologia funciona para legitimar a autoridade de uma ou outra elite ou instituição para tomar decisões pelas pessoas, ou então servem para deslegitimar a tomada de decisões das próprias pessoas para si mesmas.)
- **Organização Pequena, Simples, Informal, Transparente e Temporária** (A maioria dos anarquistas concorda que pequenos grupos presenciais permitem a participação mais completa com a menor quantidade de especialização desnecessária. As organizações mais simplesmente estruturadas e menos complexas deixam a menor oportunidade para o desenvolvimento de hierarquia e burocracia. A organização informal é a mais proteica e mais capaz de se adaptar continuamente a novas condições. A organização aberta e transparente é a mais facilmente compreendida e controlada por seus membros. Quanto mais tempo as organizações existem, mais suscetíveis elas geralmente se tornam ao desenvolvimento de rigidez, especialização e, eventualmente, hierarquia. As organizações têm vida útil, e é raro que qualquer organização anarquista seja importante o suficiente para existir ao longo de gerações.)
- **Organização Federal Descentralizada com Tomada de Decisão Direta e Respeito às Minorias** (Quando necessário, organizações maiores, mais complexas e formais só podem permanecer autogerenciáveis por seus participantes se forem descentralizadas e federais. Quando grupos presenciais — com a possibilidade de participação total e discussão e tomada de decisão conviviais — se tornam impossíveis devido ao tamanho, o melhor caminho é descentralizar a organização com muitos grupos menores em uma estrutura federal. Ou quando grupos menores precisam se organizar com grupos de pares para melhor abordar problemas de maior escala, a federação livre é preferida — com autodeterminação absoluta em todos os níveis, começando pela base. Enquanto os grupos permanecerem de tamanho administrável, as assembleias de todos os envolvidos devem ser capazes de tomar decisões diretamente de acordo com quaisquer métodos que considerem agradáveis. No entanto, as minorias nunca podem ser forçadas a concordar com as majorias com base em qualquer concepção fictícia de soberania do grupo. Anarquia não é democracia direta, embora os anarquistas possam certamente escolher usar métodos democráticos de tomada de decisão quando e onde desejarem. O único respeito real pelas opiniões minoritárias envolve aceitar que as minorias têm os mesmos poderes que as majorias, exigindo negociação e o maior nível de acordo mútuo para uma tomada de decisão de grupo estável e eficaz.

No final, a maior diferença é que os anarquistas defendem a auto-organização, enquanto os esquerdistas querem organizar você. Para os esquerdistas, a ênfase está sempre no recrutamento para suas organizações, para que você possa adotar o papel de um quadro servindo aos seus objetivos. Eles não querem ver você adotar sua própria teoria e atividades autodeterminadas, porque então você não estaria permitindo que eles o manipulassem. Os anarquistas querem que você determine sua própria teoria e atividade e auto-organize sua atividade com outros que pensam como você. Os esquerdistas querem criar unidade ideológica, estratégica e tática por meio de “autodisciplina” (sua auto-repressão) quando possível, ou disciplina organizacional (ameaça de sanções) quando necessário. De qualquer forma, espera-se que você desista de sua autonomia para seguir o caminho heterônomo deles que já foi marcado para você.

# Anarquia como Teoria e Crítica da Ideologia

A crítica anarquista da ideologia data do trabalho de Max Stirner, embora ele não tenha usado o termo para descrever sua crítica. Ideologia é o meio pelo qual alienação, dominação e exploração são todas racionalizadas e justificadas através da deformação do pensamento e da comunicação humana. Toda ideologia, em essência, envolve a substituição de conceitos ou imagens alienígenas (ou incompletos) pela subjetividade humana. Ideologias são sistemas de falsa consciência nos quais as pessoas não se veem mais diretamente como sujeitos em sua relação com seu mundo. Em vez disso, elas se concebem de alguma maneira como subordinadas a um tipo ou outro de entidade ou entidades abstratas que são confundidas com os sujeitos ou atores reais em seu mundo.

Sempre que qualquer sistema de ideias e deveres é estruturado com uma abstração em seu centro — atribuindo papéis ou deveres às pessoas por si só — tal sistema é sempre uma ideologia. Todas as várias formas de ideologia são estruturadas em torno de diferentes abstrações, mas todas elas sempre atendem aos interesses de estruturas sociais hierárquicas e alienantes, uma vez que são hierarquia e alienação no reino do pensamento e da comunicação. Mesmo que uma ideologia se oponha retoricamente à hierarquia ou alienação em seu conteúdo, sua forma ainda permanece consistente com o que está ostensivamente sendo oposto, e essa forma sempre tenderá a minar o conteúdo aparente da ideologia. Seja a abstração Deus, o Estado, o Partido, a Organização, a Tecnologia, a Família, a Humanidade, a Paz, a Ecologia, a Natureza, o Trabalho, o Amor ou mesmo a Liberdade; se for concebida e apresentada como se fosse um sujeito ativo com um ser próprio que faz exigências de nós, então é o centro de uma ideologia. Capitalismo, Individualismo, Comunismo, Socialismo e Pacifismo são cada um ideológicos em aspectos importantes, como são geralmente concebidos. Religião e Moralidade são sempre ideológicas por suas próprias definições. Até mesmo resistência, revolução e anarquia frequentemente assumem dimensões ideológicas quando não tomamos cuidado para manter uma consciência crítica de como estamos pensando e quais são os propósitos reais de nossos pensamentos. Ideologia é quase onipresente. De anúncios e comerciais a tratados acadêmicos e estudos científicos, quase todos os aspectos do pensamento e comunicação contemporâneos são ideológicos, e seu real significado para os sujeitos humanos se perde sob camadas de mistificação e confusão.

O esquerdismo, como a reificação e mediação da rebelião social, é sempre ideológico porque sempre exige que as pessoas se concebam, antes de tudo, em termos de seus papéis dentro e relacionamentos com organizações esquerdistas e grupos oprimidos, que são, por sua vez, considerados mais reais do que os indivíduos que se combinam para criá-los. Para os esquerdistas, a história nunca é feita por indivíduos, mas sim por organizações, grupos sociais e — acima de tudo, para os marxistas — classes sociais. Cada grande organização esquerdista geralmente molda sua própria legitimação ideológica, cujos pontos principais todos os membros devem aprender e defender, se não proselitismo. Criticar ou questionar seriamente essa ideologia é sempre arriscar a expulsão da organização.

Anarquistas pós-esquerdistas rejeitam todas as ideologias em favor da construção individual e comunitária da teoria do self. A teoria do self individual é uma teoria na qual o indivíduo integral em contexto (em todos os seus relacionamentos, com toda a sua história, desejos e projetos, etc.) é sempre o centro subjetivo da percepção, compreensão e ação. A teoria do self comunal é similarmente baseada no grupo como sujeito, mas sempre com uma consciência subjacente dos indivíduos (e suas próprias teorias do self) que compõem o grupo ou organização. Organizações anarquistas não ideológicas (ou grupos informais) são sempre explicitamente baseadas na autonomia dos indivíduos que as constroem, bem diferente das organizações esquerdistas que exigem a renúncia da autonomia pessoal como um pré-requisito para a filiação.

# Nem Deus, nem Mestre, nem Ordem

## Moral: Anarquia como Crítica da Moral e do Moralismo

A crítica anarquista da moralidade também data da obra-prima de Stirner, *The Ego and Its Own* (1844). Moralidade é um sistema de valores reificados — valores abstratos que são retirados de qualquer contexto, gravados em pedra e convertidos em crenças inquestionáveis para serem aplicadas independentemente dos desejos, pensamentos ou objetivos reais de uma pessoa, e independentemente da situação em que uma pessoa se encontra. Moralismo é a prática de não apenas reduzir valores vivos a morais reificadas, mas de se considerar melhor do que os outros porque se sujeitou à moralidade (autojustiça) e de fazer proselitismo para a adoção da moralidade como uma ferramenta de mudança social.

Muitas vezes, quando os olhos das pessoas são abertos por escândalos ou desilusões e elas começam a cavar abaixo da superfície das ideologias e ideias recebidas que elas tomaram como certas durante toda a vida, a aparente coerência e poder da nova resposta que elas encontram (seja na religião, esquerdismo ou mesmo anarquismo) pode levá-las a acreditar que elas agora encontraram a Verdade (com “T” maiúsculo). Uma vez que isso começa a acontecer, as pessoas muitas vezes seguem o caminho do moralismo, com seus problemas de elitismo e ideologia. Uma vez que as pessoas sucumbem à ilusão de que encontraram a única Verdade que consertaria tudo — se apenas outras pessoas também entendessem, a tentação é então ver essa única Verdade como a solução para o Problema implícito em torno do qual tudo deve ser teorizado, o que as leva a construir um sistema de valores absolutos em defesa de sua Solução mágica para o Problema que essa Verdade aponta para elas. Nesse ponto, o moralismo toma o lugar do pensamento crítico.

As várias formas de esquerdismo encorajam diferentes tipos de moralidade e moralismo, mas mais geralmente dentro do esquerdismo o Problema é que as pessoas são exploradas pelos capitalistas (ou dominadas por eles, ou alienadas da sociedade ou do processo produtivo, etc.). A Verdade é que o Povo precisa tomar o controle da Economia (e/ou Sociedade) em suas próprias mãos. O maior Obstáculo para isso é a Propriedade e Controle dos Meios de Produção pela Classe Capitalista apoiada por seu monopólio sobre o uso da violência legalizada através de seu controle do Estado político. Para superar isso, as pessoas devem ser abordadas com fervor evangélico para convencê-las a rejeitar todos os aspectos, ideias e valores do capitalismo e adotar a cultura, ideias e valores de uma noção idealizada da classe trabalhadora para assumir os meios de produção, quebrando o poder da classe capitalista e constituindo o poder da classe trabalhadora (ou suas instituições representativas, se não seus comitês centrais ou seu líder supremo) sobre toda a sociedade... Isso geralmente leva a alguma forma de obreirismo (geralmente incluindo a adoção da imagem dominante da cultura da classe trabalhadora, em outras palavras, estilos de vida da classe trabalhadora), uma crença na salvação organizacional (geralmente científica), crença na ciência da (vitória inevitável do proletariado na) luta de classes, etc. E, portanto, táticas consistentes com a construção da fetichizada Única Organização Verdadeira da Classe Trabalhadora para disputar o poder econômico e político. Um sistema de valores inteiro é construído em torno de uma concepção particular e altamente simplificada do mundo, e categorias morais de bem e mal são substituídas por avaliação crítica em termos de subjetividade individual e comunitária.

A descida ao moralismo nunca é um processo automático. É uma tendência que se manifesta naturalmente sempre que as pessoas começam a trilhar o caminho da crítica social reificada. A moralidade sempre envolve descarrilar o desenvolvimento de uma teoria crítica consistente do eu e da sociedade. Ela causa um curto-circuito no desenvolvimento de estratégias e táticas apropriadas para essa teoria crítica e encoraja uma ênfase na salvação pessoal e coletiva por meio da vivência dos ideais dessa moralidade,

idealizando uma cultura ou estilo de vida como virtuoso e sublime, enquanto demoniza todo o resto como sendo tentações ou perversões do mal. Uma ênfase inevitável então se torna a tentativa mesquinha e contínua de impor os limites da virtude e do mal policiando as vidas de qualquer um que alegue ser membro da seita do grupo interno, enquanto denuncia com autojustiça os grupos externos. No meio operário, por exemplo, isso significa atacar qualquer um que não cante hinos às virtudes da organização da classe trabalhadora (e especialmente às virtudes da Única Verdadeira forma de Organização), ou às virtudes da imagem dominante da cultura ou estilo de vida da Classe Trabalhadora (seja beber cerveja em vez de beber vinho, rejeitar subculturas descoladas ou dirigir um Ford ou Chevy em vez de BMWs ou Volvos). O objetivo, é claro, é manter as linhas de inclusão e exclusão entre o grupo interno e o grupo externo (o grupo externo sendo retratado de várias maneiras em países altamente industrializados como as Classes Média e Alta, ou os Pequenos Burgueses e Burgueses, ou os Gerentes e Capitalistas grandes e pequenos).

Viver de acordo com a moralidade significa sacrificar certos desejos e tentações (independentemente da situação real em que você se encontre) em favor das recompensas da virtude. Nunca coma carne. Nunca dirija SUVs. Nunca trabalhe das 9 às 5. Nunca seja um fura-greve. Nunca vote. Nunca fale com um policial. Nunca aceite dinheiro do governo. Nunca pague impostos. Nunca etc., etc. Não é uma maneira muito atraente de viver sua vida para qualquer pessoa interessada em pensar criticamente sobre o mundo e avaliar o que fazer por si mesma.

Rejeitar a Moralidade envolve construir uma teoria crítica de si mesmo e da sociedade (sempre autocrítica, provisória e nunca totalística) na qual um objetivo claro de acabar com a alienação social de alguém nunca é confundido com objetivos parciais reificados. Envolve enfatizar o que as pessoas têm a ganhar com a crítica radical e a solidariedade, em vez do que as pessoas devem sacrificar ou desistir para viver vidas virtuosas de moralidade politicamente correta.

# Anarquia Pós-Esquerda: Nem Esquerda, nem Direita, mas Autônoma

A anarquia pós-esquerda não é algo novo e diferente. Não é um programa político nem uma ideologia. Não pretende de forma alguma constituir algum tipo de facção ou seita dentro do meio anarquista mais geral. Não é de forma alguma uma abertura para a direita política; a direita e a esquerda sempre tiveram muito mais em comum uma com a outra do que qualquer uma delas tem em comum com o anarquismo. E certamente não pretende ser uma nova mercadoria no mercado já lotado de ideias pseudo-radicais. Pretende-se simplesmente reafirmar as posições anarquistas mais fundamentais e importantes dentro do contexto de uma esquerda política internacional em desintegração.

Se quisermos evitar sermos derrubados com os destroços do esquerdismo enquanto ele desmorona, precisamos nos dissociar total, consciente e explicitamente de suas múltiplas falhas — e especialmente das pressuposições inválidas do esquerdismo que levaram a essas falhas. Isso não significa que seja impossível para anarquistas também se considerarem esquerdistas — tem havido uma longa, na maioria das vezes honrosa, história de sínteses anarquistas e de esquerda. Mas significa que em nossa situação contemporânea não é possível para ninguém — nem mesmo anarquistas de esquerda — evitar confrontar o fato de que as falhas do esquerdismo na prática exigem uma crítica completa do esquerdismo e uma ruptura explícita com cada aspecto do esquerdismo implicado em suas falhas.

Os anarquistas de esquerda não podem mais evitar submeter seu próprio esquerdismo a críticas intensivas. Deste ponto em diante, simplesmente não é suficiente (não que realmente tenha sido) projetar todas as falhas do esquerdismo nas variedades e episódios mais explicitamente desagradáveis da prática esquerdista, como o leninismo, o trotskismo e o stalinismo. As críticas ao estatismo esquerdista e à organização partidária de esquerda sempre foram apenas a ponta de uma crítica que agora deve abranger explicitamente todo o iceberg do esquerdismo, incluindo aqueles aspectos frequentemente incorporados há muito tempo nas tradições da prática anarquista. Qualquer recusa em ampliar e aprofundar a crítica ao esquerdismo constitui uma recusa em se envolver no autoexame necessário para a autocompreensão genuína. E a evitação obstinada da autocompreensão nunca pode ser justificada para alguém que busca uma mudança social radical.

Agora temos a oportunidade histórica sem precedentes, junto com uma plenitude de meios críticos, para recriar um movimento anarquista internacional que pode se sustentar por si só e não se curvar a nenhum outro movimento. Tudo o que resta é que todos nós aproveitemos esta oportunidade para reformular criticamente nossas teorias anarquistas e reinventar nossas práticas anarquistas à luz de nossos desejos e objetivos mais fundamentais.

**Rejeite a reificação da revolta. O esquerdismo está morto! Viva a anarquia!**

Biblioteca Anarquista



Jason McQuinn  
Anarquia Pós-Esquerda  
Deixando a Esquerda Para Trás

[theanarchistlibrary.org](http://theanarchistlibrary.org)  
Traduzido por Pedro Limoeiro.

[bibliotecaanarquista.org](http://bibliotecaanarquista.org)